



GEOGRAFIA E POESIA:

Revisitando o espaço e a história da antiga Currálinho pelos passos do poeta
Castro Alves

Rafael Alves de Freitas – UERJ – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
uerj.raf@gmail.com

Rafael de Souza Dias – UERJ – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
geo.rafael@gmail.com

RESUMO:

Neste trabalho, apresentamos uma análise realizada na interface entre os campos discursivos da Literatura e da Geografia, à luz da produção literária do poeta baiano Castro Alves, nascido na região do Recôncavo da Bahia. Objetivamos examinar algumas de suas poesias para revisitar o espaço geográfico da antiga vila de Currálinho, situada no Recôncavo baiano, atualmente cidade de Castro Alves/BA, refletindo sobre como o poeta, em 1870, descreveu tal espaço, bem como observar as modificações espaciais que ocorreram deste então. Para tal feito, optamos por utilizar trechos de três poesias escritas àquela época confrontando com imagens atuais capturadas do lugar, apreendendo e demonstrando a paisagem em diferentes espaços de tempo e refletindo sobre transformações histórico-espaciais ocorridas até a atualidade. Foram evidenciadas tais transformações no tocante a processos de degradação ambiental ilustrados na devastação das matas da região; aumento e acúmulo de lixo fruto do crescimento populacional e do consumismo, bem como outras decorrências da atividade agropecuária, hoje, predominante na região. A abordagem aqui eleita contribuiu para demonstrar uma possibilidade metodológica de investigação de fenômenos geográficos pautada em uma perspectiva interdisciplinar de estudo, levando em conta o potencial de análise existente no elo Geografia/Literatura. Portanto, a iniciativa desse trabalho aponta para um caminho a mais na exploração de novas abordagens teórico-metodológicas para o ensino de Geografia nos níveis fundamental, médio e superior.

Palavras-chave: Poesia. Castro Alves. Currálinho. Espaço Vivido. Paisagem.

GEOGRAPHY AND POETRY:

Revisiting the space and history of the old Currálinho through the steps of the poet Castro Alves

ABSTRACT:

In this work, we present an analysis carried out at the interface between the discursive fields of Literature and Geography, in the light of the literary production of the Bahian poet Castro Alves, born in the region of Bahia's recôncavo. We aim to examine some of his poetry to revisit the geographical space of the old village of Currálinho, located in the Recôncavo Bahia, currently the city of Castro Alves / BA, reflecting on how the poet, in 1870, described such space, as well as observing the spatial changes that occurred since then. For this purpose, we chose to use excerpts from three poems written at that time, confronting with current images captured from the place, apprehending and demonstrating the landscape in different spaces of time and reflecting on historical-spatial transformations that have occurred until today. Such transformations were evidenced with respect to environmental degradation processes illustrated in the devastation of the forests in the region; increase and accumulation of garbage resulting from population growth and consumerism, as well as other consequences of agricultural activity, today, prevalent in the region. The approach chosen here contributed to demonstrate a methodological possibility of investigating geographic phenomena based on an interdisciplinary study perspective, taking into account the potential for analysis existing in the Geography / Literature link. Therefore, the initiative of this work points to an additional path in the exploration of new theoretical and methodological approaches for teaching Geography at the

fundamental, middle and higher levels.

Keywords: Poetry. Castro Alves. Curralinho. Lived Space. Landscape.

INTRODUÇÃO

Na Biblioteca Municipal, eu lia de tudo: Graciliano Ramos me influenciou muito, com *Infância*, *Memórias do Cárcere*, *Vidas Secas* e *S. Bernardo*. Evidentemente, a obra regional que mais me impressionou foi a de Euclides da Cunha, com especial referência a *Os Seritões*, além de suas perspicazes observações sobre a solidão do homem nordestino nos seringais da Amazônia. E percorria alguns livros que naquele tempo considerava-se imoral a gente ver, como *A Carne*, de Júlio Ribeiro. Embora fossem leituras diversas, também via essas obras com olho de geógrafo. (...) Eu via a Geografia através dos romances (AB’SABER, 2007, p. 47).

Eis o ensinamento e o convite feito pelo grande mestre e geógrafo Aziz Nacib Ab’Saber: ler obras literárias diversas com olhar de geógrafo. Nesse sentido, concebe-se que a Literatura pode ser uma importante aliada da Geografia na construção do conhecimento, à medida que possibilita a apreensão do espaço geográfico no contexto onde a obra foi construída, refletindo como o espaço descrito e (re)criado sofre modificações, através das gerações, em função das relações socioeconômicas, políticas, culturais e ambientais.

Nessa perspectiva, objetiva-se analisar algumas poesias do poeta Castro Alves para revisitar o espaço geográfico da antiga vila de Curralinho, no Recôncavo baiano, atualmente cidade de Castro Alves/BA, refletindo sobre como o poeta, em 1870, descreveu tal espaço, observando quais modificações espaciais ocorreram deste então. Porém, antes de tal tarefa, torna-se necessário contextualizar o lugar, tanto historicamente quanto geograficamente.

A partir das informações constantes no livro *Informações Históricas Sobre a Cidade de Castro Alves* – Aurino Azevedo Teixeira (1990), podemos afirmar que a história deste lugar começou após o desmembramento da sesmaria do Aporá, no início do século XVIII, com a doação de uma parte das terras ao Sr. João Evangelista Tanajura. Tal porção de terras era habitada pelos índios Sabujás e Cariris, descendentes dos Tupinambás. A estratégia de ocupação da área e a realização das benfeitorias estabelecidas no contrato de doação ficaram a cargo do Capitão-Mór - Antônio Brandão Pereira Marinho Falcão, que escolheu as margens do Rio Jaguaripe e as estradas das boiadas vindas de Minas para Feira de Santana, como local para fixação da sede da fazenda, dos currais, casas, capela e cemitério. Devido aos pequenos currais ali construídos para abrigar o gado das boiadas, ele deu o nome de Curralinho à fazenda, posteriormente vila e cidade. Em meados do século XVIII, o paulista João Antunes da Silva Castro e sua mulher Ana da Silva Castro – bisavós do poeta Castro Alves – fixaram-se na região, tornando-se senhores de vasta extensão de terra.

O avô do poeta Castro Alves, José Antônio da Silva Castro, nasceu na fazenda Curralinho (Figura 01). Era conhecido como “Piriquitão” por ter criado e comandado o batalhão dos Periquitos – todos os soldados vestiam uniformes verdes, que travou importantes batalhas pela Independência da Bahia (1823).

Os pais do poeta também se casaram na casa-sede da fazenda, sendo que o poeta Castro Alves nasceu em 14/03/1847, em outra propriedade da família: Fazenda Cabaceiras, território que à época pertencia a Vila de Curralinho.

Figura 01: Casarão da Fazenda Curralinho – Centro Cultural da cidade.



Fonte: Acervo dos autores, 2018.

O poeta hospedou-se no casarão da fazenda Curralinho, pertencente aos seus parentes, algumas vezes, especialmente durante sua convalescença (fevereiro a julho de 1870), tendo escrito nessa fazenda cerca de 13 (treze) poemas: A Duas Flores, O Hóspede, Aves de Arribação, A Uma Estrangeira, Pelas Sombras, Os Perfumes, A Meu Irmão Guilherme de Castro Alves, Coup D'Étrier, Numa Página, Fé, Esperança e Caridade, Horas de Saudade, A D. Joana e Fragmento.

Sabemos que o lugar e seu contexto mantêm influência na produção do artista, e com Castro Alves não foi diferente, à medida que se consegue notar nos poemas, produzidos na antiga Curralinho, claras referências a tal espaço vivido, seja na descrição da paisagem local como também no contexto social da época. Também no casarão da fazenda Curralinho, nasceu em 02/04/1847 outro filho desta terra, o General Dionísio de Castro Cerqueira, primo do poeta Castro Alves. O General Dionísio Cerqueira lutou na Guerra do Paraguai, sendo também político e tendo participado como deputado da Constituinte em 1890, tornando-se em 1896, Ministro do Exterior e, interinamente ocupando os cargos de Ministro da Guerra e da Viação.

Prosseguindo com a contextualização histórica e geográfica do lugar, destacamos que constituído o arraial de Curralinho, para onde convergiam tropas do alto sertão, tal espaço tornou-se logo uma localidade em franco crescimento, desenvolvendo seu comércio. Em 26/06/1880 foi elevada à categoria de vila, ganhando foro de cidade em 22/06/1895, e em 25/07/1900 trocou o topônimo de Curralinho por Castro Alves, em homenagem ao poeta (Figura 02), cujas raízes familiares se encontram na origem do lugar.

O município de Castro Alves (Figura 03) localiza-se na Região Econômica do Recôncavo Sul. O

Recôncavo é entendido como uma região côncava situada ao fundo da Baía de Todos os Santos. Dessa configuração espacial, resulta o topônimo utilizado. Tal região econômica possui singularidades sociais, políticas, econômicas e, principalmente, étnico-culturais que a diferem das demais regiões do Estado, tendo em vista que foi a primeira região colonizada e controlada administrativamente, e desde cedo teve toda a sua economia, cana-de-açúcar e outras atividades agropecuárias, voltadas respectivamente para o mercado externo, além da produção de alimentos para o abastecimento das cidades que faziam parte do circuito da produção de cana-de-açúcar, especialmente Salvador, constituindo-se dessa forma numa “periferia” da capital.

Além da cultura canavieira, desenvolveu-se nessa região a lavoura fumageira, na área dos tabuleiros, circunvizinhas àquelas cultivadas com cana-de-açúcar, dinamizando a economia regional, principalmente a partir da instalação, na segunda metade do século XIX, das primeiras linhas ferroviárias para escoamento da produção, o que impulsionou o povoamento da região, criando novas vilas e desenvolvendo as já existentes, como o caso de Currálinho.

Desde o século XIX, Currálinho/Castro Alves/BA calçou sua economia na pecuária e na produção fumageira. A atividade ligada ao fumo cresceu bastante, tanto que em 1881 foi inaugurada a estrada de ferro (Brazilian Imperial Central Bahia Railway Company Limited) Cachoeira/São Félix – Currálinho (posteriormente ampliada até o sertão baiano e norte de Minas Gerais) para o escoamento da produção. O estabelecimento do transporte ferroviário transformou o lugar num importante entreposto comercial, onde convergiam vários produtos e mercadorias, desenvolvendo econômica e culturalmente a cidade.

Figura 02: Estátua de Castro Alves – Praça da Liberdade – C.Alves/BA.



Fonte: Acervo dos autores, 2018.

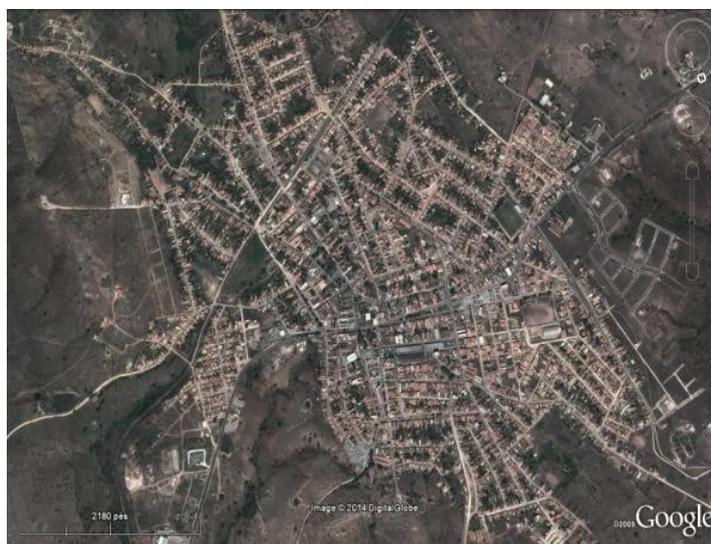
Figura 03: Mapa do Recôncavo Sul da Bahia – Município de Castro Alves/BA.



Fonte: SEI, 2007. Elaborado por Uelington Peixoto, 2013.

Castro Alves/BA também compõe a Microrregião Geográfica e Administrativa de Santo Antônio de Jesus/BA, estando na área de influência desta cidade e também da UNEB – DCH CAMPUS V. Segundo dados da SEI (Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia) e do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), este município está localizado a 12° 45'56" de Latitude Sul e 39° 25'42" de Longitude Oeste, possuindo uma área de 711,7 Km² e uma população de 27.097 habitantes (Estimativa IBGE 2013), estando a 190 quilômetros da capital do estado. A cidade (Figura 04) possui cerca de 19.000 mil habitantes.

Figura 04: Imagem de satélite da zona urbana de Castro Alves/BA – 2018.



Fonte: Google Earth, 2018.

Após a contextualização histórica e geográfica do lugar, destaca-se que, neste trabalho, o objeto de estudo é a antiga vila de Currálinho e as poesias de Castro Alves escritas nesse espaço vivido, entre os meses de fevereiro e julho de 1870, enquanto ele visitava a terra de seus ancestrais, por indicação médica, na tentativa de recuperar a saúde, à medida que tal lugar possuía um clima favorável, além da tranquilidade das vilas do interior da província da Bahia.

Dentre as treze poesias, três se destacam por apresentar na sua composição a descrição do espaço geográfico e do contexto do lugar: 1- Aves de Arribação, inspirada nas andorinhas e outros pássaros migratórios que voavam em bando nos horizontes do sertão; 2- Coup D'Étrier, onde retrata o cotidiano de Currálinho: os tropeiros e boiadas, bem como o clima propício existente neste espaço; 3- O Hóspede, dedicada à musa curralinhense Leonídia Fraga, destacando tanto a sua chegada quanto a sua partida da vila.

Tais poesias servirão para realizar uma revisita à antiga Currálinho, de 1870, analisando a descrição da paisagem e o contexto, bem como auxiliando na reflexão sobre as mudanças que ocorreram no espaço geográfico desde então, ou seja, até a Castro Alves de 2018.

GEOGRAFIA E LITERATURA

Não é de hoje que os geógrafos apontam o valor da literatura para o conhecimento geográfico. Este interesse original se dá pelo que os romances tinham de realidade, de conhecimento sobre os lugares e regiões. Tanto na descrição da paisagem e dos costumes dos lugares quanto de processos físicos (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, L., 2009 p. 490).

Segundo Coutinho (1966), Literatura é definida como uma arte caracterizada por “obras produzidas pela imaginação: poesia, romance, drama, epopeia. As obras de arte são assim vistas, não como ‘documentos’, mas como ‘monumentos’. Entretanto, afirma também que “Como ser de natureza estética, o fato literário é histórico, isto é, acontece num tempo e num espaço determinados. Há nele elementos históricos e elementos estéticos [...]” (COUTINHO, 1966, p. 15).

É, ainda, considerada por diversos autores como um “sistema à parte, com características e dinâmicas próprias, ainda que não isolada de outros sistemas, podendo-se dela lançar mão no intuito de um maior conhecimento do mundo e da realidade” (IBGE, 2006, p. 19).

Desse modo, observamos que o potencial imagético e a riqueza de informações contidas nas obras literárias, ainda que muitas vezes ficcionais, possibilitam a percepção, construção e representação de identidades regionais tanto culturais e mesmo fisiográficas dos lugares. Não por acaso a Geografia vem se apropriando há tempos dos recursos fornecidos pelos romances para a renovação e atualização de seu conhecimento.

Na linha de pesquisa sobre Geografia e Literatura, Marandola Jr. e Oliveira (2009) nos apresentam, por meio de um profundo e importante resgate literário da Geografia desde a década de

1990, um rico panorama de diversos trabalhos desenvolvidos na área. Os autores organizam um esboço de pesquisas com seus escopos e suas principais abordagens de estudo oriundas da relação Geografia-Literatura em trabalhos de diversos geógrafos brasileiros.

Tal estudo faz um importante alerta sobre a complexidade teórico-metodológica que envolve os usos das categorias de análise clássicas da Geografia, bem como da abordagem da geograficidade e da espacialidade das obras literárias. Ainda assim, atestam a validade desse caminho de investigação.

Partindo do princípio de que há uma dimensão espacial inerente a toda produção humana, podemos considerar que a Literatura nos permite ir muito além de apenas descrever os aspectos materiais das paisagens dos lugares. Na Geografia contemporânea surgem proposições epistemológicas e teórico-metodológicas que indicam uma reinterpretação da Geografia através da Literatura, tendo por base os princípios do humanismo.

Segundo Marandola Jr. e Gratão (2010), o movimento humanista na Geografia ganha força e corpo a partir dos anos de 1970, e se consolida com a chamada Geografia Cultural a partir de 1990. As contribuições trazidas por novos estudos no âmbito dessa linha de abordagem resgataram o valor humano da ciência geográfica, buscando aproximar a Geografia das Artes. Eles esclarecem,

Essa nova aproximação quer mais do que identificar elementos ‘reais’ na descrição das paisagens... quer estabelecer um entrelaçamento de saberes que se tecem também pelos fios de entendimento da espacialidade e da geograficidade, enquanto elementos indissociáveis de qualquer narrativa ou manifestação cultural (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2010, p. 9).

O POETA, A ANTIGA VILA DE CURRALINHO E A CIDADE ATUAL

É sabido que o contexto influencia a produção do autor, especialmente na Literatura, pois a paisagem do lugar, as situações, os problemas e os acontecimentos do cotidiano impregnam as obras literárias, criando verdadeiros *links* entre a imaginação do artista e a realidade vivida. Nesse sentido, destaca-se que com o poeta Castro Alves não foi diferente, sendo reconhecido como um escritor que, através das suas poesias, denunciou a dura realidade da escravidão no Brasil Império.

Representante do Romantismo brasileiro do século XIX, Castro Alves seguia o estilo denominado como Condoreiro, onde se destacam os temas sociais e políticos, convivendo com seu lado lírico-amoroso, além da temática ambiental muito presente. Durante a sua curta e produtiva vida – 24 anos, o poeta nos deixou várias poesias que retratam os problemas sociais, políticos e culturais do Brasil da segunda metade do século XIX. Quando esteve pela última vez na vila de Curralinho, entre fevereiro e julho de 1870, o poeta, já com graves problemas de saúde, escreveu treze poesias que enfatizam o tema lírico-amoroso e a natureza do lugar.

Apesar de serem obras com mais de 140 anos de existência, tais produções literárias servem como objeto de estudo para analisar a sociedade e o espaço geográfico da época, bem como refletir sobre as

transformações ocorridas desde então. Moraes e Callai destacam,

A literatura é uma experiência que nos permite sentir, experimentar e ver a vida pelos olhos de outrem, o que faz com que possamos vê-la de um ângulo diferente ao que estamos habituados, e sendo assim, possibilita refletir sobre o indivíduo e a sociedade (2013, p. 137).

A constatação de que as obras literárias nos possibilitam ver a realidade sob um ângulo diferente, com outros olhares, nos remetemos também a Tuan (1983, p. 21), que destaca que “quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência”.

Dessa forma, percebe-se que a Literatura tem um papel essencial para a Geografia, à medida que possibilita outros olhares sobre o espaço geográfico, forçando-nos a vê-lo por outras e diferenciadas perspectivas, além de permitir uma reflexão sobre nossos atos, valores e práticas.

Assim, ao se escolher três poesias escritas na antiga vila de Curalinho, em 1870, para análise: O Hóspede, Aves de Arribação e Coup D'Étrier, objetiva-se justamente uma reflexão sobre a descrição da paisagem e do contexto do lugar feitos pelo poeta, atualizando-os, a fim de que se possa conhecer melhor a realidade local, bem como refletir sobre as mudanças ocorridas no espaço geográfico.

Deve-se ressaltar que não há a pretensão de se realizar uma interpretação das poesias aqui relacionadas. Sabe-se que há inúmeros trabalhos sobre a vida e obra de Castro Alves. Assim, o que se objetiva é mostrar que tais poesias podem auxiliar na construção do conhecimento sobre o espaço vivido, especialmente da cidade de Castro Alves/BA, integrando dessa forma a Geografia e a Literatura para a melhor compreensão da realidade.

Nesse trabalho tem-se a opção de se utilizar trechos das poesias com imagens atuais do lugar, com o intuito de se realizar a apreensão do lugar em diferentes espaços de tempo, refletindo sobre transformações históricas ocorridas até a atualidade. Pontuschka, Paganelli e Cacete destacam que “[...] a literatura é fonte de prazer, mas não é só isso. É igualmente modo de conhecer o mundo. Nós não teríamos condições de conhecer o mundo, o todo da vida dos homens, apenas no curto período de tempo de nossas vidas” (2007, p. 236).

Nesta perspectiva, tem-se o convite do poeta Castro Alves para revistar e conhecer, através de suas poesias, a antiga vila de Curalinho, confrontando tal realidade com a cidade atual, denominada de Castro Alves/BA.

A poesia O Hóspede foi escrita em 29 de abril de 1870, e está na voz feminina, à medida que o poeta a escreveu para Leonídia Fraga, a fim de que a sua musa curralinhense pudesse declamá-la para ele, na sua partida. Esta poesia traz várias descrições da paisagem do lugar.

[...] Pálido moço! Um dia tu chegaste
De outros climas, de terras bem distantes...
Era noite!... A tormenta além rugia...
Nos abetos da serra a ventania

Tinha gemidos longos, delirantes.

Uma buzina restrugiu no vale
Junto aos barrancos onde geme o rio...
De teu cavalo a galopar soava,
E teu cão ululando replicava
Aos surdos roncões do trovão bravio. [...]

(O HÓSPEDE – CASTRO ALVES, 1870)

A cidade de Castro Alves (Figura 05) está localizada num vale, próximo à nascente do Rio Jaguaripe, tendo ao fundo a Serra da Jiboia. É sabido que o poeta veio até a terra de seus ancestrais por indicação médica, a fim de recuperar a saúde seriamente abalada pela tuberculose. A vila de Currealinho, pela sua localização, situa-se numa área de transição entre a Zona da Mata e o Sertão, conhecida como beira-campo, e por ter um clima peculiar, foi indicada para a recuperação do poeta.

Observa-se que, no primeiro trecho da poesia, é destacada a sua chegada à vila durante a noite, no meio de uma tempestade que ecoava na serra. Além disso, observa-se, no segundo trecho, a descrição do vale por onde passa o rio (Figura 06), após percorrer a vila. Tal paisagem é a primeira visão da vila/cidade para quem chegava a partir da antiga estrada que ligava tal lugar às demais cidades/vilas do Recôncavo, dentre elas Cachoeira, São Félix e Muritiba. Esta estrada, hoje, liga a cidade à vila do Candial e as demais vilas do município, situadas na região denominada como Riacho da Légua, interligando também aos distritos pertencentes a Cabaceiras do Paraguaçu e a Sapeaçu. Atualmente, a estrada de maior importância do município é a BA 242, que fica do outro lado do vale, e que liga Castro Alves até a BR 101 (Sapeaçu/BA).

Figura 05: Vista parcial da cidade de Castro Alves (fundo a Serra da Jiboia).



Fonte: Acervo dos autores, 2018.

Figura 06: Vista do vale do rio Jaguaripe, na entrada da cidade.



Fonte: Acervo dos autores, 2018.

A poesia *Coup D'Étrier*, escrita em 01 de junho de 1870, também descreve o contexto e a paisagem do lugar.

É preciso partir! Já na calçada
Retinem as esporas do arrieiro;
Da mula a ferradura tacheada
Impaciente chama o cavaleiro; A
espaços ensaiando uma toada
Sincha as bestas o lépido tropeiro...
Soa a celeuma alegre da partida,
O pajem firma o loro e empunha a brida. [...]

(COUP D'ÉTRIER – CASTRO ALVES, 1870)

Figura 07: Fundo do Casarão da Fazenda Curralinho / Figura 08: Rua dos Mineiros/Tropeiros (Quintino Bocaiúva).



Fonte: Acervo dos autores, 2018.

A casa-sede da fazenda foi construída próxima ao Rio Jaguaripe, e também da estrada das boiadas

que ligavam o sertão baiano a Minas Gerais. No fundo do casarão da fazenda e próximo ao rio, foram construídos pequenos currais para abrigar o gado. Estes pequenos currais deram o nome à fazenda e, posteriormente, vila/cidade – Currálinho.

Após abrigar o gado nos pequenos currais, próximos ao rio, os mineiros ou tropeiros, pernoitavam na rua que se situava atrás do casarão, conhecida até hoje como Rua dos Mineiros/Tropeiros. Tal rua também é conhecida como Rua do Arrasta-couro, pois, segundo relatos dos moradores mais antigos da cidade, os mineiros, pela madrugada, arrastam suas bolsas e pertences feitos de couro pela rua, preparando-se para partida. Atualmente, tal espaço denomina-se Rua Quintino Bocaiúva, porém, poucos a conhecem por tal nome, e sim pelos topônimos antigos.

Na primeira estrofe de *Coup D'Étrier*, o poeta, provavelmente influenciado pela presença dos tropeiros que existia ali perto de onde estava hospedado, ou seja, nos fundos do casarão da fazenda, destaca o cotidiano da vila, a qual surgiu e prosperou por conta da estrada das boiadas e do trabalho realizado pelos mineiros e tropeiros no transporte do gado entre a Bahia e Minas Gerais.

Em outra estrofe de *Coup D'Étrier*, o poeta já destaca o objetivo de sua estada na terra de seus antepassados.

[...]Abre-me o seio, ó Madre Natureza!
Regaços da floresta americana,
Acalenta-me mádida tristeza
Que da vaga das turbas espadana.
Troca dest'alma a fria morbidez
Nessa ubérrima seiva soberana!...
O *Pródigo*... do lar procura o trilho... Natureza!
Eu voltei... e eu sou teu filho! [...]

(COUP D'ÉTRIER – CASTRO ALVES, 1870)

Figura 09: Vista parcial da cidade e da Serra da Jiboia.



Fonte: Acervo dos autores, 2018.

Neste trecho, observa-se que o poeta destaca a importância da natureza – clima e vegetação local, para recuperação de sua saúde, seriamente abalada pela tuberculose. Nota-se, na figura 09, ainda a predominância de trechos de Mata Atlântica na região, especialmente nas áreas próximas a Serra da Jibóia. Apesar de estar numa área de transição, a cidade de Castro Alves possui um clima agradável, especialmente pela proximidade da floresta e da serra.

Na poesia *Aves de Arribação*, escrita também em Currealinho, em 1870, ao falar de amor e das aves migratórias, chamadas de aves de arribação, usa como pano de fundo a paisagem do lugar – Currealinho, descrevendo-a em detalhes.

[...] Às vezes, quando o sol nas matas virgens A
fogueira das tardes acendia,
E como a ave ferida ensanguentava
Os píncaros da longa serrania,

Um grupo destaca-se amoroso,
Tendo por tela a opala do infinito,
Dupla estátua de amor e mocidade
Num pedestal de musgos e granito.

E embaixo o vale a descantar saudoso
Na cantiga das moças lavadeiras!...
E o riacho a sonhar nas canas bravas.
E o vento a s'embalar nas trepadeiras

Ó crepúsculos mortos! Voz dos ermos!
Montes azuis! Sussurros da floresta!
Quando mais vós tereis tantos afetos
Vicejando convosco em vossa festa?

E o sol poente inda lançava um raio
Do *caçador* na longa carabina...
E sobre a fronte d'Ela por diadema
Nascia ao longe a estrela vespertina.

(AVES DE ARRIBAÇÃO – CASTRO ALVES, 1870)

É possível que os amores e paixões destacados pelo poeta na referida poesia estivessem distantes da vila de Currealinho, mas não há como não notar que a paisagem do lugar influenciou a construção de tal poesia, à medida que nos trechos destacados notam-se referências à cadeia de serra que se encontra no horizonte oeste da vila de Currealinho, hoje cidade de Castro Alves (Figura 10), e que, durante a tarde, ganha tonalidades diferentes à medida que o sol ilumina a floresta e a própria serra: no crepúsculo, o cume da serra parece tingido pelo tom vermelho do sol poente, e a base da serra e a floresta ganham uma tonalidade azulada pela ausência da luminosidade (Figura 11).

Figura 10: Vista parcial da Serra da Jiboia – Castro Alves/BA.



Fonte: Acervo dos autores, 2018.

Figura 11: Vista dos diferentes momentos do crepúsculo na Serra da Jiboia – Castro Alves/BA.



Fonte: Acervo dos autores, 2018.

Noutro trecho, o poeta destaca o vale e o riacho, que se subentende que seja o Rio Jaguaripe (Figura 12), este nasce no perímetro urbano da cidade e ainda não tem um volume de água expressivo, estando mais para um riacho, mas que abastecia os animais dos tropeiros, bem como deveria servir para os afazeres domésticos, como: lavagem de roupas e outros serviços. Além disso, o poeta também destaca o tipo de rocha que compõe a cadeia de serra - granito, bem como a vegetação predominante na paisagem: Mata Atlântica (Figura 13).

Figura 12: Nascente do Rio Jaguaripe – Castro Alves/BA / Figura 13: Serra da Jiboia – Castro Alves/BA.



Fonte: Acervo dos autores, 2018.

Além de revisitar o espaço geográfico da antiga vila de Curralinho, a análise das poesias de Castro Alves também nos possibilita uma reflexão sobre as transformações ocorridas em tal espaço vivido ao longo do tempo. Nesta perspectiva, pode-se observar uma degradação ambiental refletida na devastação das matas da região, sobrando apenas os trechos próximos a serra (Figura 14). Tal constatação, nas aulas de Geografia, pode gerar discussões quanto aos impactos da pecuária - principal atividade primária do município, além de outros temas geradores que podem surgir.

Figura 14: Vista parcial da serra: áreas devastadas para pecuária extensiva.



Fonte: Acervo dos autores, 2018.

Outra importante reflexão pode ser feita em relação a atual situação do Rio Jaguaripe e de sua nascente, pois grande parte da área da nascente foi aterrada para construção de ruas e casas, além do lixo e esgoto despejado na área que ainda existe.

Além disso, o rio encontra-se totalmente canalizado no perímetro urbano, tendo a maior parte

do esgoto da cidade despejado no seu leito (Figuras 15, 16 e 17).

Figura 15: Nascente do Rio Jaguaripe.



Figura 16: Grota – canal do rio e do esgoto da cidade.



Fonte: Acervo dos autores, 2018.

Figura 17: Início da canalização do Rio Jaguaripe – Castro Alves/BA, 1930.



Fonte: Acervo dos autores, 2018.

TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Como apresentado e discutido, pudemos observar que a junção entre Literatura e Geografia permite-nos conhecer lugares diversos em diferentes espaços de tempo, favorecendo assim a reflexão sobre as ações das sociedades, ao longo da história na (re)produção do espaço geográfico, ou seja, revelando as contradições, exclusões, usos, valores, significados e informações existentes e cristalizadas no espaço vivido. Enfim, ao examinar a história da produção do espaço vivido, pode-se melhor apreender a realidade atual, munindo-se de informações e conhecimentos para a tomada de decisões, como atesta Callai,

Compreender o lugar em que vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseqüentemente entender as coisas que ali acontecem. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, é repleto de história e com pessoas historicamente situadas num tempo e num espaço, que pode ser o recorte de um espaço maior, mas por hipótese alguma é isolado, independente (CALLAI, 2009, p. 84-85).

Além disso, com o compromisso de ligar diversas formas de expressão, interpretação e linguagens, cabe à Geografia, como ciência que possui caráter multidimensional por si só, a difícil tarefa de exercitar o diálogo com distintas formas de enxergar o mundo.

Desse modo, consideramos que a abordagem aqui proposta contribuiu para demonstrar uma possibilidade metodológica de investigação de fenômenos geográficos pautada em uma perspectiva interdisciplinar de estudo, levando em conta o potencial de análise existente no elo Geografia/Literatura.

Portanto, a iniciativa desse trabalho aponta para um caminho a mais na exploração de novas abordagens teórico-metodológicas para o ensino de Geografia nos níveis fundamental, médio e superior. Nessa perspectiva, Martinez nos deixa uma reflexão,

Quando os estudantes relacionam os saberes urbanos e escolares em um exercício de aprendizagem dialógica, percebe-se uma educação mobilizadora e possibilitadora. Vejo, cada vez mais, a perspectiva de discutir-se sobre uma política espacial da educação, onde a condição da aprendizagem indique a necessidade de intervir socialmente no espaço em que vivemos. Aprender para mudar a cidade, viver melhor, aprender mais e continuar a mudar. Lugarizar o conhecimento é, portanto, humanizar o conhecimento (MARTINEZ, 2013, p.109).

REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz Nacib. **O que é ser geógrafo**: memórias profissionais de Aziz Ab'Saber – em depoimento a Cynara Menezes – Rio de Janeiro: Record, 2007.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. IN: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de Geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2009, p. 83 - 134.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.

IBGE. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras** / Coordenação de Geografia. - Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

IBGE. **Evolução da População de Castro Alves/BA**. Censo Demográfico 2010. Disponível: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=290730&search=bahia|castro-alves|infograficos:-evolucao-populacional-e-piramide-etaria>. Acesso em: 10 Fev. 2020.

MARANDOLA JR., Eduardo. OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **REV. GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009.

MARANDOLA Jr, Eduardo. GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Orgs.). **Geografia e literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010.

MARTINEZ, César Augusto Ferrari. Curricularizando os espaços entre a escola e a cidade. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. TONINI, Ivaine Maria. KAERCHER, Nestor André. (Orgs.). **Movimentos no ensinar geografia**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar-Cultura, 2013, p. 95- 111.

MORAES, Maristela Maria de. CALLAI, Helena Copetti. Literatura e Geografia em uma proposta interdisciplinar. IN: PORTUGAL, Jussara Fraga. OLIVEIRA, Simone Santos de. PEREIRA, Tânia Regina Dias Silva (Orgs.) **(Geo)grafias e Linguagens: concepções, pesquisas e experiências formativas**. Curitiba: Editora CRV, 2013, p. 133-152.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

Rafael Alves de Freitas – Possui Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Bacharelado em Sistemas de Informação pela Fundação Educacional Unificada Campoprandense (FEUC). Tem como foco de pesquisa as seguintes áreas: O conceito de Lugar e seus símbolos culturais; Geografias Literárias; Biogeografia; Ensino de Geografia e Interdisciplinaridade e, Ensino a Distância e suas tecnologias. Participa do Grupo de Estudos de Biogeografia e Dinâmicas da Paisagem pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Rafael de Souza Dias – Doutor em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Graduado em Geografia pela UERJ. Atua como docente na rede municipal da Prefeitura de Teresópolis (RJ). Possui experiência como tutor na Universidade Federal de São João del-Rei, orientando trabalhos de conclusão de curso de especialização em ensino de Filosofia, e na Fundação CECIERJ como tutor a distância no curso de graduação em Geografia. Atuou como professor contratado (substituto) no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp/UERJ). Atua nas seguintes linhas de pesquisa: História ambiental, Geografia Histórica e Ensino da Geografia.

Recebido para publicação em 13 de maio de 2020.

Aceito para publicação em 29 de junho de 2020.

Publicado em 06 de julho de 2020.